



**cidadania**  
financeira

## GLOBAL FINDEX – O BRASIL NA COMPARAÇÃO INTERNACIONAL<sup>1</sup>



A comparação da situação do Brasil com a de outros países no que diz respeito ao acesso e uso de serviços financeiros possibilita identificar alguns desafios que ainda existem no processo de inclusão financeira no país. Os dados apresentados tomam por base o *Global Findex Database 2017*, pesquisa realizada pelo Banco Mundial, feita por meio de entrevistas com 150 mil pessoas, em 140 países, sobre a evolução da inclusão financeira, que usa os indicadores de posse de conta, pagamentos, poupança, empréstimo e gerenciamento de risco. Os levantamentos anteriores foram realizados em 2011 e 2014, usando-se o mesmo método de pesquisa.

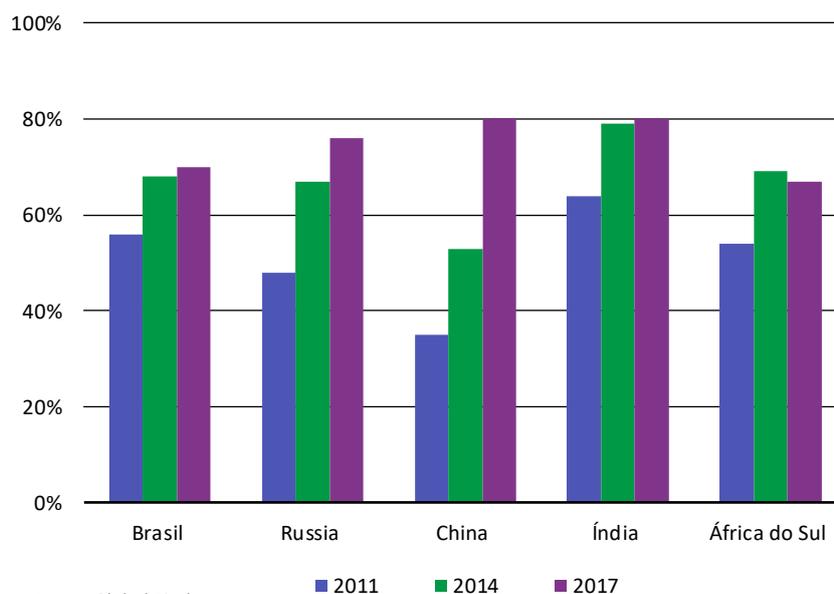
De acordo com a publicação, 68,5% dos adultos,<sup>2</sup> em termos globais, possuíam conta em 2017. Esse número é 6,5 pontos percentuais (p.p.) mais alto que o de 2014, quando 62% da população mundial possuía conta. Em 2011, esse índice era de 50,6%. No entanto, o relatório ressalta que desigualdades, levando-se em consideração características nacionais (renda *per capita* dos países) e pessoais (idade, gênero, nível educacional, renda e ocupação), persistem.

Pelos dados da pesquisa, verifica-se que o Brasil teve modesta evolução de 2014 a 2017 (Gráficos 1 e 2) no que diz respeito a adultos que possuem conta, passando de 68% para 70%. Ainda assim, o Brasil possui posição de destaque na América Latina e Caribe (ALC), aproximando-se cada vez mais de outros países que compõem o BRICS, como a Rússia, Índia e China.

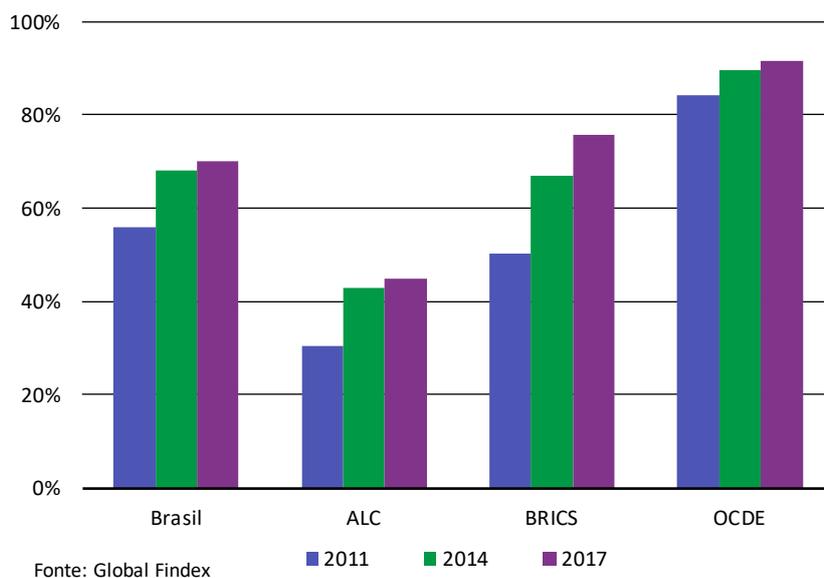
<sup>1</sup> Este texto foi elaborado pelo Departamento de Promoção da Cidadania Financeira (Depef), do Banco Central, com contribuições de Victor Motta, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV/SP).

<sup>2</sup> Para essa pesquisa, são consideradas adultas as pessoas com mais de 15 anos.

**Gráfico 1 – Adultos que possuem conta em instituição financeira nos países que compõem o Brics**



**Gráfico 2 – Comparativo entre Brasil, Brics, América Latina e Caribe e OCDE de adultos que possuem conta em instituição financeira**



O caso brasileiro, ao tempo em que segue o padrão mundial em alguns aspectos da inclusão financeira, também apresenta peculiaridades consideráveis. Apesar do aumento da posse de contas pela população como um todo, houve redução em alguns grupos específicos. Entre os jovens adultos (entre 15 e 24 anos), essa diminuição foi de 6 p.p., passando de 52,6% em 2014 para 46,7% em 2017. Vale salientar que, no caso brasileiro, o número de pessoas com conta e o número de pessoas com conta em instituição financeira é exatamente o mesmo, não sendo significativa a posse de contas de *mobile money*.

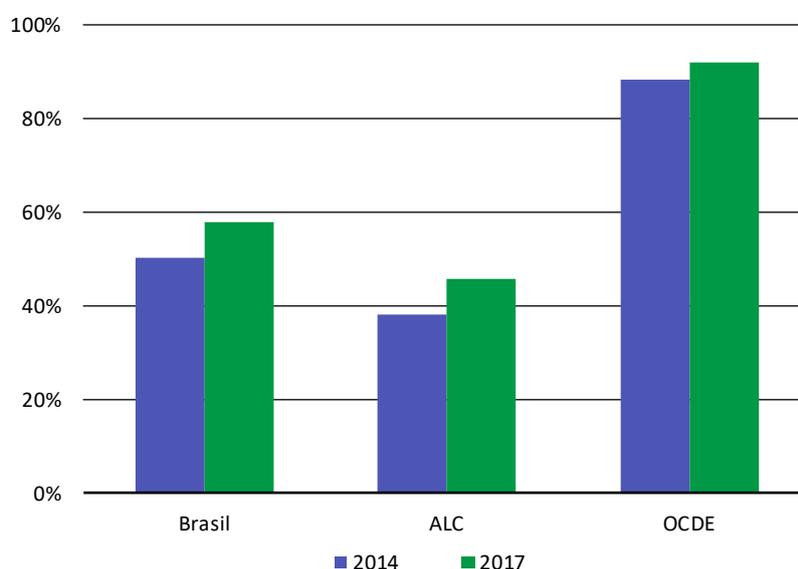
Pela primeira vez, o Findex buscou investigar as razões que fazem com que pessoas permaneçam desbancarizadas, e a resposta dos brasileiros acompanhou a maioria mundial, com a maior parte dos respondentes apontando para a falta de dinheiro como o principal motivo para não ter um vínculo com o sistema financeiro (57,8% dos desbancarizados). Outras razões apontadas pelos

desbancarizados foram o alto custo dos serviços financeiros (56,5%), o fato de outra pessoa na família já ter uma conta (50,8%) e a falta de confiança no sistema financeiro (25%). De acordo com o relatório, 60% desses adultos não bancarizados têm acesso tanto a celulares quanto a internet – percentagem notadamente mais alta que a média global (25%).

A capacidade da tecnologia digital para reduzir as diferenças é ressaltada na publicação, que enfoca as oportunidades de se digitalizar transações que as pessoas já fazem em dinheiro. Aponta-se, por exemplo, que mulheres e adultos mais pobres podem ser majoritariamente beneficiados quando governos digitalizam o pagamento de benefícios sociais, citando-se o caso do Brasil, onde cerca de 10% das mulheres bancarizadas obtiveram sua primeira conta para receber transferências governamentais.

Apesar do baixo uso de *mobile money* (4,8%) e do baixo uso da internet ou celular para acesso a contas (12,9%) entre os brasileiros, a quantidade de pessoas que declararam ter feito ou recebido um pagamento digital<sup>3</sup> foi de 57,9% em 2017. Entre os países da OCDE, esse valor foi de 92,1% (Gráfico 3).

**Gráfico 3 – Adultos que fizeram ou receberam pagamento digital no último ano**



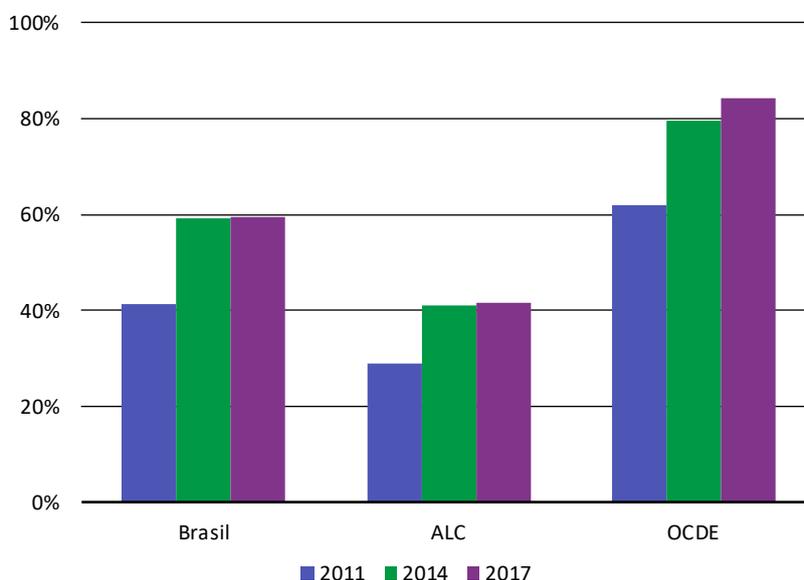
O recebimento de pagamentos do setor privado é um campo apontado no Findex como espaço de oportunidade para um considerável aumento da inclusão financeira. No Brasil, 38,5% das pessoas ainda recebem o salário em dinheiro; na ALC são 43,5%; na OCDE são apenas 6,5% (2017). Já a quantidade de pessoas que recebem esse tipo de pagamento em conta com instituição financeira é de 58,7% no Brasil; 49,8% na América Latina e Caribe; e 86% nos países da OCDE (2017).

Quanto à maneira como as pessoas efetuam e recebem pagamentos, no Brasil, de 2014 para 2017, houve uma diminuição de 7 p.p. no uso de cartões de crédito ou débito para a realização de compras. No entanto, enquanto a posse de cartões de crédito passou por uma diminuição significativa, de 5 p.p. (de 32% para 27%), a posse de cartões de débito permaneceu constante, em 59% da população.

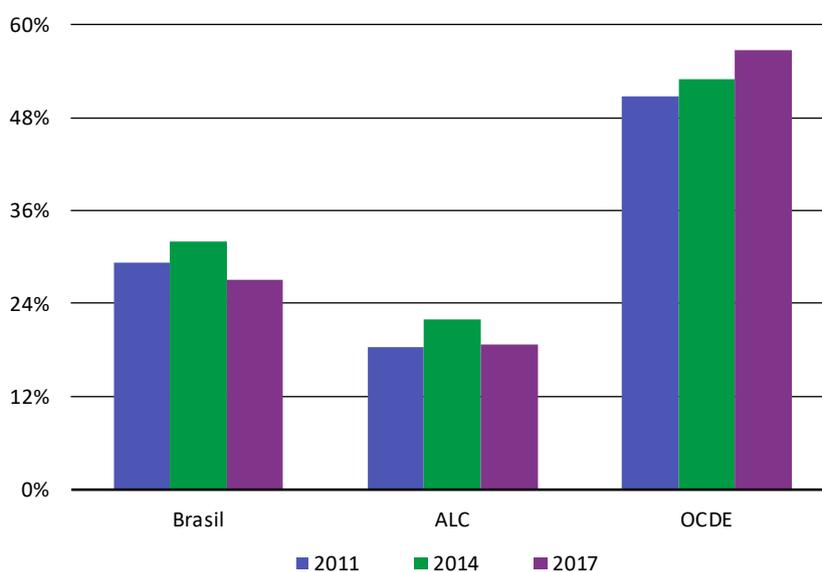
<sup>3</sup> Porcentagem de entrevistados que relataram usar *mobile money*, cartão de débito ou crédito ou celular para fazer um pagamento, a partir de uma conta, ou ainda que relataram ter usado a internet para pagar contas ou fazer compras nos últimos 12 meses. Inclui também respondentes que relataram o pagamento de faturas, envio ou recebimento de remessas, recebimento de pagamentos de produtos agrícolas, de transferências governamentais, de salários ou de pensão do setor público diretamente de ou para uma conta de instituição financeira ou através de uma conta de *mobile money* nos últimos 12 meses.

A região da América Latina e Caribe apresentou o mesmo movimento observado no Brasil, de manutenção da quantidade de cartões de débito e queda na posse de cartões de crédito. Já os países da OCDE apresentaram aumento da quantidade de adultos que possuem cartões. Esses movimentos estão demonstrados nos Gráficos 4 e 5.

**Gráfico 4 – Comparativo entre Brasil, América Latina e Caribe e OCDE de adultos que possuem cartão de débito**

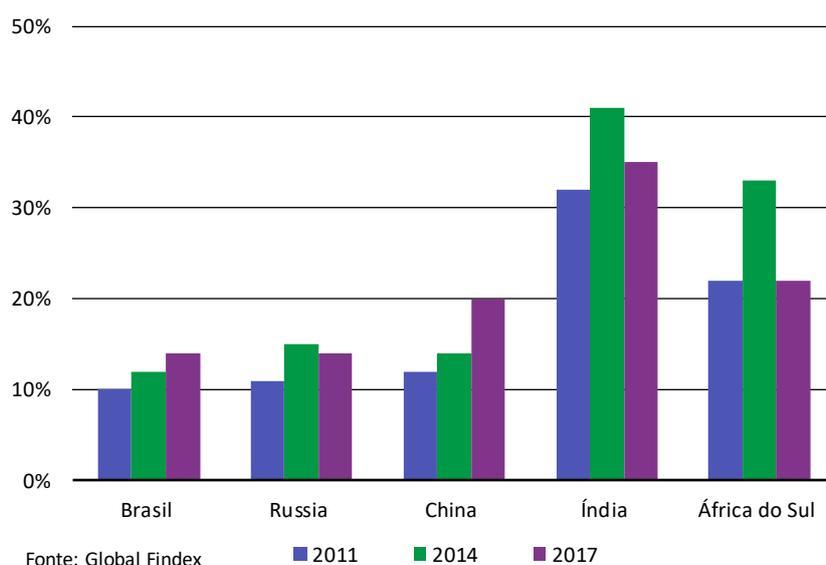


**Gráfico 5 – Comparativo entre Brasil, América Latina e Caribe e OCDE de adultos que possuem cartão de crédito**

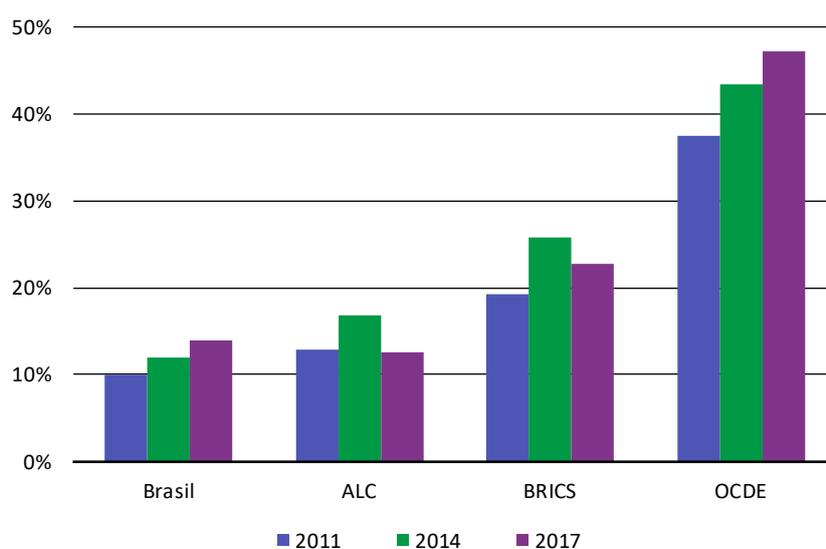


Quanto ao padrão de poupança no Brasil, verificou-se um aumento: enquanto 28% das pessoas afirmaram ter poupado algum dinheiro em 2014, 32% o fizeram em 2017. Em todas as desagregações apresentadas houve algum incremento ou estabilidade, não sendo observada redução em nenhum grupo. Contudo, observa-se que o Brasil ainda apresenta o menor nível de poupança em comparação com outros grupos de países (Gráficos 6 e 7). Apesar do aumento do nível de poupança do Brasil em relação à média dos países da ALC, o hábito de poupar é inferior à média de outros países do Brics, mostrando ainda ser um desafio relevante em inclusão financeira no Brasil.

**Gráfico 6 – Adultos que possuem poupança em instituições financeiras entre os países que compõem o Brics**



**Gráfico 7 – Comparativo entre Brasil, Brics, América Latina e Caribe e OCDE de adultos que possuem poupança em instituições financeiras**

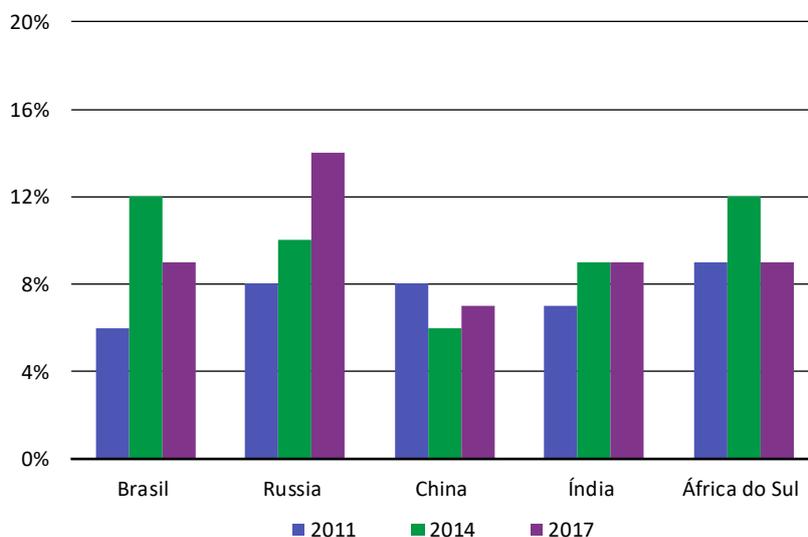


A resiliência financeira do brasileiro, por sua vez, parece ter passado por melhora significativa, de 10 p.p. entre 2014 e 2017. Enquanto apenas 35% dos entrevistados afirmaram ser possível conseguir recursos emergenciais em 2014, 46% fizeram essa afirmação na última rodada da pesquisa. Na América Latina, o movimento foi contrário, reduzindo de 46% em 2014 para 41% em 2017.

Com relação ao crédito, a situação é distinta. Em termos gerais, houve estagnação: 40% dos brasileiros afirmaram ter contraído um empréstimo no ano anterior, tanto em 2014 quanto em 2017. Enquanto o percentual de pessoas que obtiveram empréstimo com família e amigos aumentou de 6% para 14%, o empréstimo com instituição financeira reduziu de 12% em 2014 para 9% em 2017 (Gráficos 8 e 9). Comparável com o Brasil, a África do Sul foi outro país que apresentou uma redução considerável. Contudo, a média dos países do Brics apresentou leve aumento, enquanto a média dos países da ALC e OCDE apresentou leve queda no nível de empréstimos em instituições financeiras.

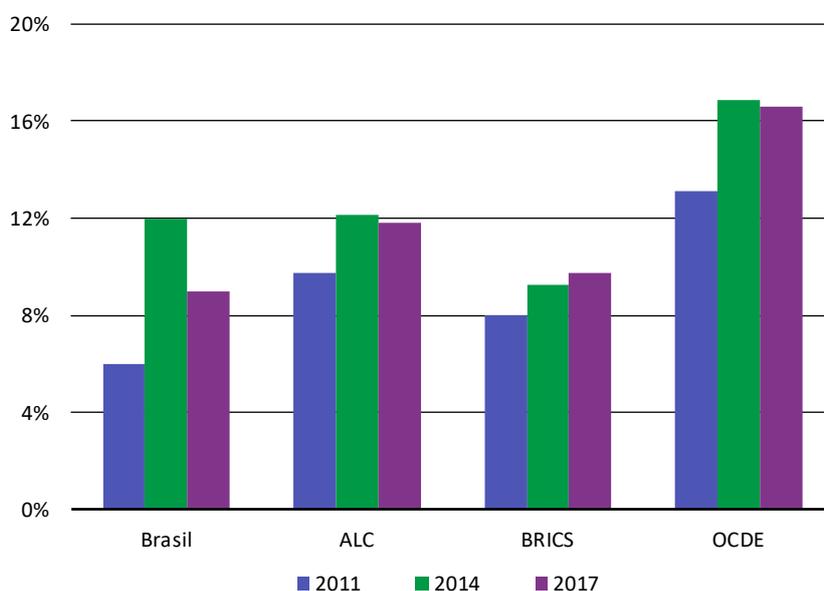
Considerando-se as pessoas que tomaram empréstimos de instituição financeira ou usaram cartão de crédito, o Brasil (26,3%)<sup>4</sup> aparece acima da média da América Latina (21,3%) em 2017.

**Gráfico 8 – Adultos que possuem empréstimo em instituições financeiras, nos países que compõem o Brics**



Fonte: Global Findex

**Gráfico 9 – Comparativo entre Brasil, Brics, América Latina e Caribe e OCDE de adultos que possuem empréstimo em instituições financeiras**



Fonte: Global Findex

<sup>4</sup> A diferença entre os valores obtidos pelo Global Findex e os do Banco Central se dá porque,, além dos dados do Findex serem declaratórios, eles consideram os empréstimos obtidos no último ano, enquanto os dados de tomadores de crédito do BCB são estoque.

## » Conclusão

Apesar da modesta evolução verificada entre 2014 e 2017 em relação ao percentual de adultos que possuem conta, o Brasil ainda possui posição de destaque no continente, aproximando-se de outros países que compõem o Brics. O aumento da posse de contas pela população brasileira como um todo contrasta com redução em alguns grupos específicos, como, por exemplo, entre os jovens adultos.

Em relação às principais razões que fazem com que pessoas permaneçam desbancarizadas, a resposta dos brasileiros acompanhou a maioria mundial, incluindo a falta de dinheiro como o principal motivo, seguido pelo alto custo dos serviços financeiros, pela existência de outra pessoa na família com posse de conta e a falta de confiança no sistema financeiro.

Adicionalmente, o Brasil ainda apresenta o menor nível de poupança em comparação com outros grupos de países do Brics, apesar do aumento do nível de poupança no país. Dessa maneira, o hábito de poupar continua sendo um desafio relevante em inclusão financeira no Brasil.

Com relação ao crédito, houve estagnação na proporção de brasileiros que tomaram empréstimos por instituições financeiras.

Quanto à maneira como as pessoas efetuam e recebem pagamentos, a posse de cartões de débito permaneceu constante entre 2014 e 2017, enquanto a posse de cartões de crédito diminuiu, assim como o uso de cartões de débito e crédito para efetuar compras. É de se notar que a região da ALC apresentou o mesmo movimento observado no Brasil.